

contas à Peste Negra, provavelmente trazida da longínqua Criméia por navegantes genoveses.

A Grande Peste atingiu em peso a Europa Ocidental, com incursões pela Sicília, França, Inglaterra, Península Ibérica e Europa Central, avançando até a Escandinávia e confins da Polônia e Rússia.

Ceifou 25 milhões de vítimas, número correspondente a 1/3 da então população da Europa Ocidental. Não era fácil viver na Idade Média, com a privação de tudo e até dos anseios afetivos.

Lembramos que em Portugal — além dos efeitos da Peste — terrível seca assolou o país dois anos antes da morte de D. Afonso IV, creditando o povo tal flagelo à decapitação de Inês de Castro.

## CASAMENTO DE PEDRO E CONSTANÇA — O INÍCIO...

Em agosto de 1340, sob o reinado de Afonso IV, celebram-se em Lisboa as cerimônias de casamento entre o infante D. Pedro e D. Constança Manoel, do vizinho reino de Castela.

A união foi sacramentada segundo as razões de Estado e não do coração, envolvendo interesses recíprocos de Portugal e Castela.

O esponsalício nada trouxe de novo em suas feições pragmáticas.

Estavam presentes o rei e sua consorte D. Beatriz, a nobreza que abarrotava a catedral e os noivos atônitos, perplexos diante de tanta pompa e pouco amor.

Pelo inusitado desses fatos, mais tarde voltaremos a eles. Se não para justificar o amor extemporâneo que já se manifestava entre D. Pedro e Inês de Castro, filha bastarda de influente nobre da corte de Castela e dama de companhia de D. Constança, a esposa escolhida, ao menos para mostrar como eram tratados os

assuntos do sentimento no período medieval, em que se tolhia a liberdade ao homem e à mulher, fosse na Corte e na nobreza ou entre a população humilde.

Vejamos a descrição do casamento de Pedro e Constança feita, do Plano Espiritual, pela testemunha ocular de então, Inês de Castro, que, chocada, apercebeu-se de que quem estava se casando com D. Constança Manoel era alguém cuja presença lhe magnetizara as fibras recônditas do coração:

*Minha memória voltou no tempo a fim de rever-vos pela primeira vez, na Sé de Lisboa, quando se vos confirmou a união com a Rainha Dona Constança Manoel.*

*Lembrei-me de que todos os aparatos da solenidade, com que El-Rei D. Afonso IV e a sua Real Esposa, a Rainha Dona Beatriz, quiseram marcar com grandeza inesquecível o grande acontecimento, desapareceram de minhas impressões.*

*Via apenas a Vós, amado rei, a Vós, que me povoáveis todos os sonhos, herói e*

*soberano, que eu supunha existir exclusivamente no mundo iluminado de minhas esperanças.*

*De espírito surpreso, qual se vos visse, como num sonho, após sairdes de mim mesma, para se me revelar ali, no seio da multidão, compreendi, de súbito, que éreis a corporificação de todo o Amor a que eu aspirava, mas o êxtase não me anulou a noção da realidade.*

*A jovem bastarda dos Castro deveria sufocar o enlevo nos recessos do coração, da mesma forma com que aferrolhava o sonho nas profundezas da alma.*

*E chorei, dando a idéia de que as emoções da festividade me dominavam, quando, no íntimo, me reconhecia em lágrimas, à frente das muralhas invisíveis das leis humanas, que ainda hoje separam as criaturas com mais impenetrabilidade que a dos muros de pedra.*

*Via-vos sem a possibilidade de tocáv.os, extasiava-me com a vossa presença, sem a mínima esperança de respirar-vos a convivência.*

*Debalde, procurei afastar-me de vossa real presença, receando trair-me ou ferir a*

*benfeitora que me situara no séquüito em que se fazia representar.*

*Todas as circunstâncias, amado rei, me contrariaram os propósitos, e as obrigações da função me colocavam diante de vós, sentindo-me na condição da criatura que, de certo modo, vos enodoava a real aparição, com o amor oculto que vos devotava.*

*Ignoro, amado soberano, se vos recordais do dia em que dissetes amar-me, dia em que caí no leito, como se um raio me houvesse trespassado o coração. As vossas palavras eram tudo o que eu queria ouvir, mas também tudo o que não me seria permitido escutar.*

*Uma febre desconhecida me queimou as entradas e em delírio chamei por vós, como sendo meu anjo guardião e meu salvador.*

*Amigas prudentes foram suficientemente leais para se compadecerem de mim, sem me comentarem as alucinações e, desde então, começou para mim a vida nova, na qual se entrechocavam o meu reconhecimento pela Senhora que me colocara em serviço e a paixão por vós que me governastes a vida e o coração para sempre.*

*Refiro-me a isso, amado soberano, para reafirmar que não vos esqueço, que gravitarei sempre em torno de vós, com a força do destino que caracteriza a movimentação de um satélite caudatório de um astro.*

*Amado rei, não tenho outra vida que não seja a vossa própria vida em mim. E amo-vos não só a beleza angélica, mas igualmente a vossa formação espiritual e a vossa justiça, a vossa integridade de caráter e grandeza de coração.*

*Amado rei e senhor meu, sede bendito por toda a felicidade que me trouxestes. Confio em vossa firmeza de ânimo e estou em preces a Deus para que todos os vossos deveres para com os vossos entes queridos, que são igualmente amados meus, se façam valorosamente cumpridos.*

*Amado rei e senhor meu, estais em meu pensamento dia e noite. Penso, muitas vezes, que sou um fragmento de vossa grandeza ou uma pequena parcela de vosso coração magnânimo, e sei que sou um singelo feixe de vossos reflexos.*

*Amado rei, eu vos amo!*

*Somente a vós, unicamente a vós e tão somente por vós, atravessei longos caminhos, às vezes, encharcados de lágrimas, para encontrar-vos. Nunca vos esqueço, nunca vos esquecerei. Como deixar-vos sendo eu vós mesmo dentro de mim?*

*Se estiverdes tranquilo, a paz estará igualmente em mim.*

*Vossa alegria é a minha alegria, e um pingo de vossa tristeza, quando essa tristeza aparece, tem o tamanho de uma nuvem no meu coração.*

*Amado Soberano, Deus vos abençoe e vos guarde, assim como vos rogo proteger e lembrar sempre quem vive de vós e por vós.*

*Sempre convosco para sempre.*

A handwritten signature in cursive script, likely belonging to Inês de Castro, consisting of stylized initials and the surname.

## PEDRO, CONSTANÇA E INÊS

### Inês de Castro

Inês de Castro nasceu na Galiza, em Monforte de Lemos, região que foi objeto constante de disputa entre Portugal, então Condado Portucalense, e o reino de Leão, sendo finalmente a este incorporada.

Mais tarde, o reino de Leão — com a Galiza já anexada — seria assimilado por Castela.

Há incertezas sobre sua data de nascimento, provavelmente em 1325. Era filha bastarda do influente Pedro Fernandes de Castro, importante par na corte de Castela, e da dama portuguesa Aldonça Soares de Valadares.

Por serem descendentes de D. Sancho IV de Castela, contemporâneo de D. Dinis de Portugal, Inês e Pedro tinham laços de consangüinidade.

Inês chegou a Portugal em 1340, como dama de companhia de D. Constança Manoel, cujo casamento com D. Pedro fora acertado com